

PINGA-FOGO

■ **MISSÃO PETROLEIRA, NADA RELIGIOSA** - Corre os rumores de algo muito misterioso em uma recente viagem de um religioso brasileiro à Venezuela. Surgem informações que um dos integrantes da comitiva estava, na verdade, atuando como enviado “especial” do ex-tesoureiro do PT, João Vaccari Neto. A real intenção deste viajante era negociar com a estatal venezuelana PDVSA, como driblar os embargos norte-americanos aos visitantes em negócios não autorizados, utilizando a missão religiosa.

■ A sua missão consistia em tentar ampliar a cota de exportação de petróleo destinada ao empresário mineiro Lucas Kallas, atuante no setor de mineração e que já possui operações no mercado de petróleo venezuelano, dentro dos limites permitidos pelas autoridades americanas. A lupa está colocada no caso, principalmente depois do acidente que expõe a presença do misterioso emissário.

■ **SUPERDIMENSIONADO** - Foi uma semana de freio de arrumação na política fluminense. A leitura é que o desequilíbrio causado por Washington Reis foi muito maior do que o peso político do ex-secretário, que comanda apenas 40% dos votos de Duque de Caxias. É um político local que ganhou dimensões nacionais com o episódio dos certificados de vacina emitidos no seu município para a família do presidente Jair Bolsonaro.

■ **REIS APOSTA NA MUDANÇA DOS VOTOS** - Washington Reis tem dito que a sua vida está resolvida a partir do pedido do ministro Gilmar Mendes para o ministro relator do seu caso, Flávio Dino. No despacho, o decano do STF ainda não profere seu voto, mas emite uma opinião sobre um possível acordo de não persecução penal que beneficiaria Reis. A condenação, que acarretou na perda de seus direitos políticos, poderia ser convertida em uma “reparação de dano ambiental”, conforme escreveu Gilmar, que também embarcou na tese de que o processo é “permeado por fortes controvérsias”.

■ **O ministro Flávio Dino votou por manter a pena, acompanhado por Alexandre de Moraes e Cristiano Zanin. Há apenas um voto a favor de Washington, dado pelo ministro André Mendonça.**

■ **FIM DA MÁGICA, QUANDO O CLIENTE DE KAKAY ATRAPALHA** - O advogado Antônio Carlos de Almeida, o Kakay, é mesmo um mago e é capaz de todos os mabarismos jurídicos em Brasília. Ele é o advogado de Washington Reis e conseguiu a proeza da luz no fim do túnel para o seu cliente, já condenado a sete anos de prisão por crime ambiental.

■ **Esta semana, Kakay comemorou na sua mansão, na QI 26 no Lago Sul, o “enterro da Lava Jato”, como ele classificou a decisão do ministro Dias Toffoli, que anulou todos os atos da operação**

contra o doleiro Alberto Youssef. Só que este seu cliente ficou bem quieto e fora do noticiário. Washington Reis fez o contrário. Pulou no colo de Lula e Eduardo Paes para ganhar a simpatia da esquerda e, ao ser demitido intempestivamente da Secretaria de Transportes, criou conflito público e voltou para os braços da família Bolsonaro, sem antes afirmar em entrevista ao Globo que seria o candidato da direita no Rio.

■ A pergunta que não quer calar no Rio e Brasília: “Como o Kakay vai fazer Dino mudar o voto e decidir favoravelmente para o declarado candidato da direita no Rio?”

■ **VELHA GUARDA INCENDIADA** - Quem militou na política estudantil sabe a força das imagens imperialistas do Tio Sam, encarnando o império do mal. A turma de cabelo Branco do PT, a maioria encastelada em altos cargos, sofreu efeito Viagra com a polêmica aberta com a carta de Trump e o aumento das tarifas.

■ **SUPER GERALDO** - A atuação do vice Geraldo Alckmin, neste episódio do conflito com Trump, o amarrrou na cadeira de vice-presidente para a reeleição. Aqueles que acreditavam que Eduardo Paes poderia embarcar nesta canoa já jogaram a toalha.

■ **PRÊMIO JABUTI** - O livro “Turismo Rural no Estado do Rio de Janeiro: Contexto, reflexões e perspectivas”, de Valéria Maria de Souza Lima, especialista em turismo fluminense, está entre as obras semifinalistas do prêmio Jabuti Acadêmico. Publicado em dezembro de 2024, o livro está disponível no site foliodigital.com.br. Além das principais lojas virtuais, como Amazon e Google Play.

■ **LEITURA OBRIGATÓRIA** - A crescente presença das plataformas digitais no mercado de trabalho tem modificado profundamente as dinâmicas das relações laborais. Está sendo lançado o livro Plataformas Digitais e Direito do Trabalho, de Soraya Galassi Lambert, publicado pela Editora Mizuno, que apresenta uma análise profunda, crítica e atual sobre os impactos jurídicos e sociais desse novo modelo de prestação de serviços.

■ **Por meio de uma abordagem sistemática e tecnicamente embasada, a autora — juíza do trabalho, mestre em Direito do Trabalho e especialista em Economia do Trabalho — conduz o leitor por uma reflexão essencial: como conciliar inovação tecnológica, eficiência produtiva e garantias trabalhistas em tempos de economia de plataformas?**

■ Em um cenário de transformações disruptivas, este livro se torna uma ferramenta indispensável tanto para operadores do Direito quanto para estudiosos interessados em compreender os desafios que envolvem a prestação de serviços em aplicativos.



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

 [@colunamagnavita](https://www.instagram.com/colunamagnavita)

Fotos OAB-RJ



A presidente da OAB-RJ, Ana Tereza Basílio, com os presidentes do TJRJ, desembargador Ricardo Couto (e); e do TRF2, desembargador federal Luiz Paulo Araújo (d)



As demandas da advocacia do interior do estado do Rio estiveram na pauta do encontro com o corregedor-geral de Justiça do Rio, desembargador Cláudio Brandão

Presidente da Firjan se reúne com o embaixador do Brasil no Japão

Em imersão Firjan IEL com empresários fluminenses do setor de panificação ao Japão, o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Luiz Césio Caetano, se reuniu na quarta-feira (16) com o embaixador brasileiro em Tóquio, Octávio Cortês. Na pauta do encontro, a possibilidade do acordo de livre comércio e o fortalecimento do comércio bilateral, e o cenário geopolítico mundial.

“Foi uma conversa bastante significativa

para aprofundar as relações e o entendimento da economia japonesa. Diplomata de carreira, Cortês tratou dos aspectos culturais e comerciais do Japão e sobre o fortalecimento das relações bilaterais a partir da possibilidade de fechar o acordo de livre comércio entre os dois países”, afirmou Caetano, destacando a impressão positiva dos empresários fluminenses com as novidades e os aprendizados no setor de panificação.

Na imersão de seis dias ao país oriental, o grupo tem visitado diversas padarias, desde as modernas, que investem em inovação em seus produtos artesanais, quanto as mais tradicio-



Firjan

O presidente da Firjan, Luiz Césio Caetano, com o embaixador brasileiro em Tóquio, Octávio Cortês

participado de capacitação com renomados chefs japoneses do setor.

“Viemos conhecer a cultura oriental e esse país maravilhoso que tem a panificação como uma das maiores rendas per capita do mundo no consumo de trigo. O objetivo é levar para a nossa base as tendências, inovações, custos de mercadoria vendida, ou seja, levar tudo que pudermos adaptar dentro das nossas possibilidades para o nosso associado”, ressaltou Fernanda Hipólito, presidente do Sindicato da Indústria de Panificação e Confeitaria do Município do Rio Janeiro (Rio+Pão).

Encontro reúne presidentes da OAB-RJ, do TJRJ e do TRF2

A presidente da OAB-RJ, Ana Tereza Basílio, se reuniu com o corregedor-geral de justiça do Rio de Janeiro, desembargador Cláudio Brandão, na última quarta-feira (16), para tratar de demandas da advocacia do interior do estado. Ela estava acompanhada por representantes das subseções de Volta Redonda, Pirai/Pinheiral e Araruama.

Na ocasião, os presidentes do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ), desembargador Ricardo Couto de Castro, e o presidente do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2), desembargador federal Luiz Paulo da Silva Araújo Filho, também participaram do encontro.



CM

A juíza Regina Celi Vieira Ferro tomou posse como desembargadora no Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região. O ato ocorreu no gabinete da Presidência, no Ed. Sede, conduzido pelo dirigente do Regional, desembargador Valdir Florindo, e reuniu magistrados(as), servidores(as), advogados(as), amigos(as) e familiares da empossada, na última quarta-feira, 16 de julho

Fernando Molica

Os brasileiros que atuam como invasores e destroem o próprio país

A aprovação pelo Congresso do projeto que passa a boiada no meio ambiente mostra que parte da população — e não apenas os políticos — vê o país com os olhos dos invasores/colonizadores, como terra a ser explorada e saqueada. Uma lógica que inclui o extermínio de povos originários, que continuam a ser encarados por muita gente como entraves ao progresso.

Os crimes não são mais cometidos por estrangeiros que, em séculos passados, arrasavam terras e populações estrangeiras, locais e pessoas que não faziam parte de seu imaginário cultural ou sentimental.

Sequer é possível reabilitar pretextos morais e/ou religiosos que procuravam justificar as invasões e o domínio e escravização de povos. Os espoliadores atuais têm, sobre seus antepassados, a vantagem da sinceridade, querem apenas lucrar com a destruição e a morte.

Diferentemente dos que, a partir do fim do século XV, chegaram ao que viria a ser chamado de América, os exploradores de hoje sabem da fragilidade do planeta, dos riscos ambientais, das consequências do que promovem. A ganância e esse tipo de cegueira voluntária sequer levam em conta que o ataque a biomas como o da Amazônia e o do cerrado compromete o futuro da atividade agrícola que, na marra, eles querem expandir.

Uma devastação de caráter suicida, já que prevê a devastação de territórios que pertencem a todos nós e nossos filhos, netos, bisnetos; eles agem como se não estivessem botando fogo nas próprias casas.

O ardor com que tanta gente se dedica à destruição revela que, no fundo, essas pessoas não se sentem parte do Brasil. Amam, talvez, seus pequenos nichos, seus parentes, seus amigos, seus bairros — o resto é o resto.

No fundo, adotam a destruição por não terem qualquer tipo de empatia com o outro. Reproduzem uma lógica de exclusão e de racismo que até hoje naturaliza as distorções geradas pela escravidão, que tenta manter tudo do mesmo jeito.

Aos olhos dos devastadores, tão bem representados no Congresso, a Amazônia não é aqui, fica lá longe; indígenas não são vistos como humanos, mas como criaturas exóticas, estranhas, desprovidas de raciocínio, emoções, subjetividades e direitos.

No fundo, não é que eles atuem como invasores/colonizadores de outrora — eles são estrangeiros em seu próprio país, pessoas que não se identificam com está em volta, que não têm o menor afeto pela grande maioria dos que vivem aqui.

As ofensas e ironias dirigidas à deputada indígena Célia Xakriabá (PSOL-MG) durante a sessão pro-

movida de madrugada pela Câmara dos Deputados resumem o desprezo e o ódio cultivado por tanta gente, reafirmaram de forma grotesca o tamanho da injúria que é por aqui reiterada há mais de 500 anos.

Em 1980, aos 19 anos, tomei um susto ao me deparar, na capa do Caderno Especial do Jornal do Brasil, com o poema “Que país é este?”, de Affonso Romano de Sant’Anna. Ele escrevera um épico emocionante, lírico, indignado e arrebatador como “O navio negreiro”, de Castro Alves.

Em plena ditadura, Sant’Anna (1937-2025) compôs e publicou um libelo contra a espoliação de um país, um protesto que analisava nossas misérias, que gritava, denunciava. Um poema que, infelizmente, continua a doer:

“Uma coisa é um país, outra um fingimento.

Uma coisa é um país, outra um monumento. Uma coisa é um país, outra o aviltamento. (...) Há 500 anos caçamos índios e operários, há 500 anos queimamos árvores e hereges, há 500 anos estupramos livros e mulheres, há 500 anos sugamos negras e aluguéis. (...) Há 500 anos somos pretos de alma branca, não somos nada violentos, quem espera sempre alcança e quem não chora não mama ou quem tem padrinho vivo não morre nunca pagão. (...) Este é um país de síndicos em geral, este é um país de cínicos em geral, este é um país de civis e generais.”